
As tranças africanas como Patrimônio Imaterial e a ressignificação desse saber ancestral na cultura afro-brasileira¹

Débora de Araujo Nogueira²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

No presente artigo tem-se como objetivo abordar as tranças afro enquanto saber ancestral e referência do patrimônio imaterial da cultura afro-brasileira. Para isso, buscou-se pesquisar o conhecimento teórico das profissionais trançadeiras africanas partindo da concepção que o ato de elaborar tranças afro é consubstanciado em práticas identitárias até a origem etimológica dessas técnicas e, com base nas informações obtidas, entender como as trançadeiras ressignificarem seus saberes para utilizar em novas narrativas para afroempreender na indústria criativa. Por meio de pesquisa de campo foram entrevistadas cinco trançadeiras afroempreendedora africanas do bairro Madureira, Rio de Janeiro. De acordo com o resultado, foi constatado a autonomia profissional que a prática ancestral de trançar dá a essas profissionais e o que foi ressignificado nessa técnica para que elas se adaptassem à cultura afro-brasileira. A pesquisa também permitiu compreender a importância do saber ancestral e como o apagamento da história do povo africano tem consequências desastrosas ainda nos dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: tranças africanas, saber ancestral, patrimônio imaterial, ressignificar.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos a cultura de trançar cabelos afro enquanto saber ancestral e enquanto patrimônio imaterial da cultura afro-brasileira. Encontramos no imaginário coletivo das mulheres negras a prática ancestral de trançar e o valor identitário de disseminá-lo de geração em geração. “Os cabelos e os penteados assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas da ECO-UFRJ.

ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas” (LODY, 2004, p. 102). Saber adornar o cabelo com tranças é uma prática aprendida no contexto familiar ou em outros espaços de sociabilidades negras. “As trançadeiras são as mãos de sabedoria, conectadas com a relação dos negros e tudo que foi vivido pelos seus ancestrais. As trançadeiras são Griôs, guardiãs das memórias africanas, na palma das suas mãos” (CLEMENTE, 2010, p. 13). O penteado trançado foi também entendido pelo movimento negro como símbolo de resistência e, por isso, inserido nos debates políticos, pautando a luta pela liberdade por meio do reconhecimento de uma identidade étnica cultural (SANTOS, 2022).

“Podemos dizer que, na diáspora, a simbologia do cabelo do negro não se perdeu totalmente, porém assumiu novos sentidos, e um deles é o político” (GOMES, 2008, p. 200). As técnicas de entrelaçamento estão presentes nas discussões políticas identitárias como uma das referências culturais que constituem o patrimônio cultural legado pelos povos africanos. Esse termo designa, a princípio, toda expressão cultural que evoca, como espaço de elaboração, a experiência da escravidão ou, como origem, os significados e simbologias que remetem à ancestralidade africana.

Nesse contexto, Nogueira (2008, p.251) nos ressalta que:

O patrimônio histórico-cultural está cada vez mais vinculado aos valores que indivíduos e/ ou grupos atribuem a determinados bens como signos da cultura, referenciais das identidades e memórias sociais. A consciência do novo sentido do patrimônio como um lugar de memória.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): “Para a política de salvaguarda do patrimônio imaterial, preservar o patrimônio cultural brasileiro significa fortalecer e dar visibilidade às referências culturais dos grupos sociais em sua heterogeneidade e complexidade” (CRUZ, p. 09).

Outro fato que nos leva a considerar a prática social de trançar cabelos com um bem pertencente ao patrimônio cultural imaterial afro-brasileiro são algumas das definições trazidas na Constituição de 1988, onde no Artigo 216 lê-se:

Artigo 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;

-
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
 - IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
 - V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Por meio dos itens I, II, III, do artigo acima podemos ver que estão em consonância com a elaboração das tranças afro e o ambiente profissional de mulheres negras trançadeiras. De acordo com item I, as formas de expressão, podemos argumentar que as práticas de entrelaçamento dos fios crespos e não crespos são linguagens artísticas, políticas, estéticas, históricas e de resistência (SANTOS, 2017). No item II, os modos de criar, fazer e viver, sabemos que os penteados trançados nas culturas afro-brasileiras são modos ancestrais africanos com seus cabelos.

Em contraponto, o presente artigo relata que as profissionais trançadeiras usam a criatividade para elaborar a trança afro, unindo o saber tradicional com elementos atuais, como novos materiais e cores para elaborar as tranças. A trança afro não é mais usada como usavam nossos antepassados, como forma de identificar etnias, estado civil, hierarquia, indicar caminhos de fuga, porém criam novas narrativas e usufruem desse saber como forma de gerar valor financeiro. O uso do patrimônio imaterial – as tranças afro – como atividade geradora de renda integra o afroempreendedorismo, que por sua vez movimenta a indústria criativa.

Diante dos pontos apresentados, no artigo tem-se como objetivo abordar a prática de trançar cabelos por mulheres negras, como patrimônio cultural afro-brasileiro e quanto ao saber ancestral. Em razão disso, no primeiro momento argumentamos com citações, artigos e leis que fazem dessa técnica uma referência do patrimônio cultural de natureza imaterial e saber ancestral. Foram empregadas duas metodologias: pesquisa qualitativa com entrevistas em profundidade e uma observacional. A seguir, discorreremos sobre entendimentos adotados neste artigo para conceitos que permearam esta pesquisa.

METODOLOGIA

Chama atenção passear por Madureira e ouvir mulheres africanas oferecendo serviços estéticos como tranças afro, mas em poucos minutos você observa o movimento da clientela e constata que a estratégia é o diferencial das trançadeiras africanas. Por meio de pesquisa qualitativa foi entrevistada cinco trançadeiras afroempreendedora africanas do bairro Madureira, Rio de Janeiro, durante duas visitas feita ao local. Para coletar os

dados foi elaborado um formulário de perguntas. Foi determinado dois de visitação, um para pesquisa qualitativa e outro para pesquisa observacional.

No primeiro dia, foi observado por meio de pesquisa de campo a movimentação do local, a forma que elas trabalham e a maneira que as trançadeiras negociam os valores do serviço estético. Elas primeiro puxam as clientes até seu respectivo boxe depois negociam o valor. O local é um espaço com inúmeros boxes cada um deles é utilizado com salão estético. Os maiores, além de oferecer o serviço de trança afro vendem cabelos sintéticos, gel fixador, lastex, adornos, miçangas e enfeites.

No segundo dia, foi feita uma pesquisa qualitativa por meio dos formulários. Para escolha das abordagens, foi escolhida as africanas que falavam português ou inglês. Durante o processo, foi observado que muitas trançadeiras africanas se recusaram a participar. Quando foi perguntado o motivo para uma delas, a resposta foi que muitas estão ilegais no Brasil. As cinco que se disponibilizaram a participar enfatizaram que no Brasil o mercado de trabalho está muito complicado e que autonomia do trabalho de trançadeira faz com que a maioria delas tenha somente essa opção de renda.

A entrevista feita por meio de formulário questionando sobre dados pessoais como: nome, idade, nacionalidade ou etnia, formação, renda familiar e endereço no Brasil. Em seguida, perguntou-se como, quando e por que vieram morar no Brasil. As demais perguntas foram referentes as técnicas e execução da prática das tranças africanas e as principais diferenças entre as técnicas africanas e brasileiras.

Um segundo ponto evidenciado na pesquisa é que todas as mulheres africanas nascem aprendendo a trançar é um saber milenar que passa de mãe para filha. Essa tradição faz com que todas sem exceção use tranças no cabelo durante a vida toda. Uma delas confidenciou que faz trança em sua filha desde que ela tinha três meses. Assim como sua mãe entrelaçava seus cabelos desde que nasceu. Já no Brasil, a popularização da trança aconteceu nas últimas duas décadas por meio da indústria de moda e beleza somente as novas gerações afro-brasileiras estão acompanhando essa transformação e a reconstrução identitária auto afirmativa de muitos afro descendentes, que procuram outras visões sobre si em contraponto ao padrão branco universal.

Foi constatado nessa pesquisa que a origem das técnicas das tranças africanas não foi ensinada para as entrevistadas como conhecimento histórico africano no ambiente escolar no período em que viviam em seu país de origem no continente Africano. Foram entrevista uma trançadeira do Senegal, duas da Angola, uma do Congo e uma de Moçambique. As cinco entrevistas desconhecem de qual etnia vieram as formas reproduzidas por elas nas práticas de entrelace. Todas receberam esse saber ancestral por meio de familiares passado de geração em geração.

Para trabalhar no Brasil, as entrevistas ressignificaram algumas técnicas para que elas se adaptassem a cultura afro-brasileira. Segundo a entrevista de Moçambique, as africanas não usam gel fixador no cabelo somente óleos naturais para ajudar no crescimento. A entrevistada Angolana 1, salientou que para proteger/esconder o cabelo das brasileiras precisou inverter o entrelace ao invés de cima para baixo começou a entrelaçar debaixo para cima. Já a entrevistada do Senegal contou que as africanas não tem o costume de usar lastex e dificilmente usam cabelos sintéticos. As tranças africanas são feitas com o próprio cabelo e só é usado para entrelaçá-lo água e pente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do artigo foi apresentar as tranças afro enquanto saber ancestral e enquanto referências do patrimônio imaterial da cultura afro-brasileira. Assim como, refletir sobre como a população afro-brasileira ressignificou esse saber e o tornou em uma profissão e em um canal transmissor de memória ancestral.

É preciso ressaltar que a prática e origem das tranças afro é visto no Brasil como prática de cuidado que podem ser vistas como patrimônio cultural imaterial. Práticas culturais que representam um percurso histórico de contestação política, estética, estratégica de sobrevivência desde o período da escravidão das populações africanas quando eram utilizadas como rota de fuga.

Quando tradições milenares, como a prática das tranças afro, são ressignificada no presente, faz-se necessário analisar de que modo manteremos o conceito e a história de sua origem. Será preciso aprofundar se em suas raízes para que os frutos nunca o esqueçam.

A pesquisa desenvolvida foi capaz de identificar que a técnica das tranças é um saber ancestral, mas que a sua origem etimológica é pouco conhecida. Esta análise, permitiu compreender a importância do saber ancestral e como o apagamento das histórias do povo africano tem consequências desastrosas até hoje. Essa compreensão reforça a importância de um documentário sobre o tema informando as etnias ancestrais que iniciaram esse saber e passaram para as demais etnias e gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLEMENTE, Aline Ferraz. *Trança Afro: A Cultura do Cabelo Subalterno*. In: **Curso de especialização em gestão de projetos culturais e organização de eventos da Escola de Comunicações e Artes** – ECA, 2010, São Paulo. São Paulo: USP, 2010.

CRUZ, Aline Torres Dias da. *Suburbanização e racismo no Rio de Janeiro: uma leitura de Madureira e Dona Clara no contexto pós-emancipação (1901-1920)*. 2007. 164 f. **Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)** – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GOMES, Nilma Lino. *Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra*. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 37 – 60. 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LODY, Raul. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. **Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional**. In: Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p.233-255, jul. 2008.